N.º 141 (3.º)—(263)—6.º ANNO Quinta-feira, 24 de Julho de 1913 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS
COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUÃO Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

TREGUAS

Podem ficar descançados! Tratem de fazer as suas paradas, emquanto eu vou lá dentro... tomar um boccado de fresco!...

Lisboa voltou a ser incommodada na sua pacata vida habitual pelas ambições de meia duzia de individuos exaltados que, julgando-se os salvadores d'uma *patria agonisante*, não vão além das paragens onde a falta de juiso faz acampamento.

De novo rebentaram as bombas, projectando nas paredes a carne de alguns mantenedores da ordem, pagos pelo Estado para defenderem o Estado; de novo correu nas calçadas o sangue de alguns innocentes que a fatalidade colheu no seu caminho; de novo se encheram as prisões, de culpados e innocentes, n'uma estranha prosmiscuidade, arrancados com violencia ás attenções prodigalisadas pelas familias que muitas vezes ignoram ou desculpam essas veleidades que levam ao carcere e ao degredo quem é demaziadamente fraco para lhes resistir. Afinal para quê? Sim, para quê?

Temos conhecimento, pela historia, de bastantes revoluções e movimentos revolucionarios. Por isso não receiamos affirmar que a revolução de 5 de outubro foi, de todas a mais brincalhona e talvez a mais desorientada. Mas, assim como não podemos negar a um operario que trabalha n'uma pedreira, em riscos de ficar soterrado, o seu direito á vida, não esqueçemos tambem que o acto de 5 de outubro já tinha antes d'essa data, para quem raciocinasse um pouco, bastantes e justissimas razões de existencia.

A decadencia dá monarchia tinha attingido a mais repugnante lama. Erros de ministros pouco escrupulosos, ambições luxuosas e jesuiticas de duas rainhas sem valor e as ladainhas cobardes d'um rei sem vontade, tudo isso os monarchicos amassaram n'um formigão avariado que não resistiu á violencia do terremoto. Por outro lado a força da Republica avolumava-se, destruidora de preconceitos, em torno d'uma ideia: a regeneração. Uma brisa de engrandecimento refrescou o paiz, de norte a sul, soprada pelas boccas de centenas de oradores que levaram a luz da liberdade a cantos ignorados onde só reinava a pesada cruz da reacção. Havia ideias, havia homens.

Sabiamos quem haveria de maneja-las, no caso de vingar um movimento que todos estranhariam se, antes d'elle, não tivesse sido desenvolvida uma intensa propaganda. Foi por isso, que a revolução de 5 de outubro não estranhou, nem a monarchicos nem a republicanos.

Já se não pode dizer o mesmo do movimento revolucionario da madrugada de 20 de julho. Este deixa boquiabertos os proprios chineses que têm, a mina-los, a hydrophobia das revoluções. Pois quê! Apparecem grupos sinistros ás portas dos quarteis, desafiando os soldados como quem desafia donzellas para uma *valsa*, estrafega-se um guarda republicano e dois policias, mata-se um transeunte indefézo, atira-se com bombas como se fossem *confetti*, e não se dá antecipadamente uma explicação ao povo, do alto d'uma tribuna?! Não se expõe, em meia duzia de comicios e conferencias, as razões justificadôras de tal procedimento; se é que existem?! Não se prepara o povo, de modo a orienta-lo, a fazêl-o conhecêr as ideias d'essa nova cohorte de combatentes?! Ah! Preferiram trabalhar em silencio, não mostrando ao povo as suas ideias e os seus homens! Recearam penetrar o cerebro d'esse verdadeiro patriarcha das revoluções!... Assim, como queriam adeptos, de que maneira desejariam têr defensôres do seu procedimento? Julgaram-se o povo? Pois enganaram-se redondamente! O povo não auxilia nem applaude movimentos revolucionarios para os quaes não tenha sido convidado com uma grande somma de ideias justas e onde não veja homens competentes para o representarem.

A fantochada de 20 de julho foi um espectaculo inesperado, sem programma. O espectador foi o povo: tem o justo direito de reclamar. E' o que se faz em toda a parte onde se reconhece que a vida do cidadão tem um valor indeclinavel que não pode estar á mercê d'uma bomba lançada pelas mãos d'um louco, em plena época de socego. Inventam-se castigos, forjam-se mentalmente supplicios macabros, mas só os individuos serenos, raramente propensos a excitações, dizem uma grande verdade: o melhor castigo é a applicação da lei.

Desde que o actual governo está no podêr três grandes traves lhe tem sido atravessadas no caminho, com o intuito de o derrubarem: 27 de abril, 10 de junho e 20 de julho. São três acontecimentos distinctos, mas o que está succedendo não dá uma certa auctoridade para se suppôr que é um só verdadeiro?

Preciso é convencermo-nos. Se esses homens fossem sinceros nas suas crenças, se os movesse uma ideia nobre, não hesitariam em vir até ao povo, illucidando-o. Não o fizeram. Podemos concluir que o movimento não visava á substituição de ideias velhas por ideias novas. Tratava-se, unicamente, de attentados pessoaes, o que importa dizêr que era um plano de assassinato. E os dois *R R* que esses individuos ostentavam nos laços e nos bilhetes de identidade, de modo algum indicavam a Republica Radical. A nossos olhos significavam simplesmente uma Republica Retrograda.

*

Os boatos que tem corrido!

A cabeça dos alfacinhas faz-nos lembrar uma panella, onde a agua ferve precipitadamente. De vez em quando salta uma gotta a escaldar: é um boato! Corre que nem o diabo! Sae de casa, passa na rua, entra n'um café, vae ao barbeiro, toma medidas no alfaiate, senta-se no animatographo e não é raro fazer victimas.

O que se tem dito!

Inventou-se que o Affonso Costa não dormia em casa! Que não tinha paradeiro certo! Que dormia por traz duma floresta eriçada de bayonetas! Que tinha cortado a pera! Que andava disfarçado em caixeira do Grandella! Que trazia couraça!

Propalou-se tambem que a divisão naval sahira para se defrontar com uma esquadra que nos vinha atacar! Que, se cá estava o cruzador dinamarquez, era só para proteger os seus subditos! Que tencionavam meter a tal esquadra entre dois fogos! Que, para isso, viria o *Espadarte* atacal-a por traz!

Dizia-se, além d'isso, que uma companhia poderosa ia pedir ao governo o monopolio do fabrico das bombas! Que é um genero destinado a ter muito gasto! Que seria uma belleza haver bombas congeladas!

Por outro lado, affirmava-se que o governo ia restaurar a pena de morte! Que já se tinha encommendado madeira para umas seiscentas forcas! Que o milho importado do estrangeiro vem todo envenenado! Que os monarchicos vão invadir o paiz por 6 pontos... naturaes! Que ainda estão escondidas bombas... nos quarteis dos bombeiros!

O que se tem dito!

Calculem! Chegaram a dizer que o Faustino da Fonseca se tinha declarado monarchico!...

*

Sempre coherentes com o nosso passado, não podemos hoje defender o que hontem atacavamos, por isso revoltanos vêr perseguições á imprensa como as que o governo nos ultimos tempos tem ordenado.

Os nossos collegas *Dia* e *Intransigente*, — se bem que não concordemos muita vez com a sua orientação e principalmente com a do primeiro — teem sido impedidos de circular.

Aqui lavramos o nosso mais vehemente protesto, tal qual faziamos no tempo da monarchia.

Pena é que certos republicanos esqueçam tão rapidamente o que censuravam, com especialidade no tempo do João Franco, e hoje pelo facto do chefe do governo se não chamar João, achem tudo bem permittido e alguns até querem mais.

As perseguições jàmais deram resultado a quem as pratica, e é pelo nosso grande amor á Republica, que deve ser um regimen de Liberdade, que nós protestamos contra tal violencia.

Especie de carta aberta ao cidadão dr. Afonso Costa

POST-ESCRIPTUM

Senhor:

Mais uma vez este poeta obscuro,
Crente no Ideal formoso do futuro;
Que odeia a podridão da infamia e do insulto
Lançada na ralé pelo tirano estulto;
Energico e audaz, o rosto alevantado,
Empunnando na mão o látego indignado
Da raiva popular,
Que ruge em vagalhões n'um denegrido mar
Onde paira da fome a funda escuridade,
Negra como a traição, feroz como a maldade,
Vem aqui derrubar, num gesto irreverente,
Em nome da Razão e em nome do Direito,
Um idolo indecente
De carne e osso feito..

Foi sempre assim, senhor, a tempera indomável
Dos puros lutadores de fé inquebrantável,
Que aos interesses vis opõem os ideais
Onde ha uma intensa luz de raios auroraes,
D'essas lindas manhãs banhadas pelo sol
A colorir o azul de fresco arrebol!...

Sabeis porque, na dôr, esta minh'alma solta
Indignações febris, nuns gestos de revolta?
Porque vejo as prisões, os antros repelentes,
Todas a transbordar de muitos innocentes...
E vejo a liberdade em pranto mergulhada
Ao ver desmoronar a ventura que sonha!...
Soluça de vergonha,
Vergonha d'aflicção amarga repassada
Onde ha uma indignação forte, contra a maldade..

De facto só os maus ferem a Liberdade.

Ella que tem no olhar a chamma incandecida,
Que aos grandes lutador's anima e lhes dá vida,
Vê-se calcada aos pés de fera dictadura:
Na bocca uma mordaça e algemas nos braços,
O manto em pedaços,
Deixando vêr a carne assetinada e pura!...

Mas cautella, senhor, é bom sêr mais prudente,
Que ella ostenta na mão um facho incandescente
A iluminar, na historia, as lutas da verdade.
Oh! prescratae-a bem, liberto da vaidade,
E vereis n'ella então, no decorrer dos annos,
O negro desabar dos mil e um tiranos!

Pôrto, 1913. *Salvaterra Junior.*

Lingua comprida

Um jornal conta que ao ser preso um operario disse que «a nova Republica não prenderia os operarios.»

Já se vê que não.

A Republica que elles queriam deixava-os andar por ahi a atirar bombas como quem atira estalos da India e a dar tiros em soldados para exercicio de boa pontaria.

Depois é que realmente não havia rasão de hastear o pendão *Pão ou trabalho* porque todos andavam n'um lindo trabalhinho.

Que cabeças tão dementadas e que falta da minima noção da humanidade!

Mas a culpa não é d'elles: é dos chefes.

O que bem se necessita
E', fazendo maravilhas,
Que a policia audaz, catita
Acabe com esta fita
Enjaulando os cabecilhas.

*

E' das boas!

Um jornal hespanhol publicou o seguinte que é fabuloso:

«Hespanha, que a tantos sacrificios se impoz para que o Norte de Marrocos não seja francez, deve pensar que maiores deve empregar para conseguir que Portugal não seja um protectorado inglez.»

Lê-se e não se acredita.

Agradecendo muito a *nuestros hermanos*, parece-nos que facil seria isso, mandando para cá um regimento de hespanholitas boas.

Não se oppunha resistencia. Punha-se tudo a gritar:

Olé salero, viva tu gracia!

Não se dava um tiro, mas davam-se milhões de beijos.

Do jornal o redactor
Que offendeu os protocolos,
Com certeza está peior
Dos miólos!

Lendo ainda a duvidar,
Ante tolice tamanha,
Só nos resta perguntar
Não ha Rilhafol, em Hespanha?

Orlando.

Vae andando

Um jornal ataca as revistas pornográficas (?) e diz que só meia dusia de nomes ha capases de revistar em termos e descobre-se logo a *cotterie* com unhas e tudo.

Chegou-lhe agora a moralidade.

Concordamos que o abuso tem sido muito, mas a *cotterie* tem abanado o lume das cousas *frescas* e *fresquissimas*.

Salta de lá a censura tão atacada pelos jornaes cá do partido.

Estamos aqui, estamos a ver o lapis asul na mão d'um fernando de lacerda qualquer.

A' urna!

Eu que rabisco em jornaes,
Ha uns vinte annos ou mais,
P'ros actos eleitoraes
Tenho de provar aos povos
Que sei ler e sei'screver.
Eu cumpro, emfim, o dever,
Mas o que me faz tremer
São certos *poetas novos!*
Que ficam sem voto ter.

Simplicio.

Notas d'um bufo

Bombas. — Até á data os *illustres* bombistas praticaram em Lisboa as seguintes *proezas:*

— Mataram a tiro um soldado da Guarda Republicana que estava de sentinella ao posto do Museu das Bellas Artes.

— Assassinaram na Rua de Santa Marinha, com uma bomba, o policia 1.111 que ficou despedaçado, tendo-lhe saltado os miolos.

— Na Rua Augusta obrigaram um automovel a parar e alvejaram com um tiro o passageiro que ia dentro d'elle.

— O guarda 578 ficou ferido, com estilhaços, n'um hombro, n'uma perna e no pescoço.

— Na rua dos Lagares, uma creancinha ficou com os pés feridos por ter rebentado uma bomba que encontrou.

— Por varios pontos da cidade teem sido encontradas innumeras bombas, certamente fabricadas para mau fim.

*

Não faço comentarios a todos estes tristes factos. Simplesmente os registo e condemno com vehemencia!...

Caracolices. — O *Caracoles* dos *Ridiculos* diz dos jornalistas o peior possivel.

Tem graça!... *Elle*, que outra coisa não tem feito senão amesquinhar e ridicularisar a nossa querida Republica, empregando em todos os seus escritos uma pessima linguagem de prêto!...

Ora... o *Caracoles!*...

Acima de zero. — Que calor!... Uff!...

Nem coragem tenho para escrevêr mais!... Safa!...

Até sinto desejos de alugar uma fragata e emigrar para um dos polos!...

Uff!... Que calor!...

Luiz Ferreira (Lambisgoia).

Instantaneos

IV

Ao D. Chicote.

Fôra o seu melhor companheiro.

Eram amigos desde colegio, companheiros inseparaveis no recreio, no estudo, nas aulas, e quanta vez no... momento do perigo de uma *gazeta*, de uma lição mal estudada, que um ao outro ensinavam, ou cochichavam no instante da prova, frente ao professor, velho impertinente, mas bom, afinal.

Terminado o curso, cada um á sua vida, abandonada a vida colegial, e, cá fóra, intimos, dedicados, robustecida a amisade com o andar dos tempos, e os conselhos que um ao outro ainda davam, para que a acção social os encontrassem como homens uteis para a humanidade.

Elle era natural da Africa, mas bom, um negro vivo, fino, labios delgados, atrahente, com uma vivacidade nos olhos, curiosidade para a investigação aos mysterios da existencia. E o amigo, desprezando insinuações velhacas, acirrando-o para desprezar o negro, mais o estimava, agora maior estima ao deparar com um prenuncio de odio á raça.

Preconceitos da raça, considerados antes como os rancores da ignorancia de certas imbecilidades.

O amigo—o branco—um dia amou. Ella, uma formosissima loura, deslumbradora na sua belleza, envolta sempre no negro mysterioso e funereo do vestido, possuía o encanto que domina e que tem uns vislumbres de scintillações diabolicas com a sensualidade extranha da carne.

Graciosa, no proprio dia de noivado o seu vestido foi negro, e era vêr a deliciosa creança, que mais parecia aquela cabeça um punhado de fios de ouro, e o seio preso no corpete deliciosamente justo ás fórmas túmidas e lúbricas do seu corpo, cheio de frémitos sensuaes.

O africano fôra-lhe apresentado, como amigo velho, e a negrura do seu rosto, junto a ella, parecia casar-se, se aquellas almas não tivessem já... no primeiro instante, um lampejo rapido illúminando o que elles não queriam vêr — o caminho traçado pelo destino.

Foram um do outro, que elle, estonteado pela belleza da amante, não conseguira vencer o escrupulo uma lucta que lhe desenhára a grandeza do crime.

E o amigo, confiado, sorria sempre cada vez que elle os visitava, porque ella, uma vez, innocente, disséra sem malicia, sem intenção de offender — que era um pau de chocoláte!

A gravidez avançou e o marido, risonho, apregoava a todos a sua felicidáde. Ella, quasi a cair ao leito, disséra desejar um enxoval preto para o filho.

Que era uma mania, uma loucura e que, se não fôra o amor d'elle, sentiria desgosto se ella após o parto continuasse.

Era tolice e podia tornar-se loucura exagerada esse gôsto pelos vestidos pretos.

Foi pae. E emquanto o amigo africano passeava pela saleta, elle correu ao quarto d'ella e lá viu, junto ao seio da mãe, sobre as alvas roupas da cama, o bébé, lindo, encantador, mas que ali poderia ser tomado por um... borrão de tinta no lençol!

Era mulato! E o esposo, carinhosamente ingenuo, bom, murmurava, num ar de censura, meio energico e meio terno:

—Ora ... a côr... a influencia da côr! A tua mania dos vestidos pretos... Ora ahi está...

André Deed.

Á Republica

XI

Já tens em teu poder as virgens belas
Que estavam de penhor a uns milhões;
Já tens em teu poder as tais donzelas
Que andavam lá por fóra sem senões.

Tu deves, pois, agóra, mais aquelas,
Alem de muitas mais obrigações,
Ao grande Affonso Costa que ás parcelas
Juntar sabe p'ra ti belos quinhões.

Não mais deixes fugir um tal tesoiro,
Por isso que oiro vale o que é bom oiro,
Em todo o grande Mundo e... cercanias.

E visto que conventos já não tens,
Conserva junto a ti os doces bens,
Deixa-as ficar p'ra tias!

K K. To.

*

No soneto X d'esta secção, na penultima linha, onde se lê:

com fins que a sã moral muito ordena..

deve lêr-se:

com fins que a sã moral muito condena!

Authentico

Depois da explosão da bomba da rua dos Correeiros um policia explicava a quem lhe perguntava o que havia:

—Foi uma bomba *explosivia.*

Macacos me mordam se não está ali um deputado em embrião para ajudar o *Celórico.*

Não esquece!

Pediu-me agora um cretino
para que nunca olvidasse
o *maroto* do Sabino
e o seu **Chiado Terrasse!**

K K. To.

ENCRUZILHADA PERIGOSA

D. Magriço da Costa pretende conduzir a Ala dos Aproveitaveis pelo caminho mais curto, mas costumam andar por ali animaes feroses e é provavel que alguma panthera traiçoeira os obrigue a muuar de rumo ...

Um amigo

Algumas palavras sobre o amigo do nosso paiz Mr. Knapic, publicadas n'esta secção, provocaram da parte do illustre hospede da minha patria, referencias amigaveis e uma manifestação sinceramente sentida sobre Portugal.

São de Mr. Knapic os periodos que seguem e que eu transcrevo da sua ultima carta, dando aqui a publicidade ás suas palavras, de valor extraordinario para este torrão querido, tão falho de amigos e de dedicações:

«Não mereço as palavras lisongeiras, mas é verdade que eu amo, que eu admiro o povo portuguez. Sim, meu caro amigo, eu amo-o. E a razão? Eil-a. O povo do meu amigo é um povo de sentimento, de poesia. Não tem nada de artificial. Tudo é natureza, enthusiasmo das coisas ideais. E n'isso é tão semelhante ao povo meu, aos slavos!

«O portuguez sofre e sonha e nós, os slavos, sofremos e sonhamos! E' por isso que amo o povo portuguez, porque elle sabe sofrer, sofrer pelos seus ideaes. Sim, meu amigo, é a saudade que nos liga, é ella a causa da minha amisade para com este povo nobre.

«O meu professor, que me ensinou a lingua portugueza, lingua vigorosa, riquissima, robusta e tão suave, falava muitas vezes do caracter do povo portuguez, da cordealidade lusitana do povo que vive sofrendo e ama sofrendo. E explicando aos seus alumnos os productos tão lindos da poesia portugueza, costumava dizer: — E um povo nobre, de natureza forte. Este povo não perece!

«É isto que eu escrevo, que eu narro aos meus compatriotas, ao meu povo, que pouco conhece Portugal, sabendo só os actos mais heroicos da historia portugueza.

«Inutil é dizer que só isto, este pequeno conhecimento já chega para falar nos portugueses com estima, com respeito.

«Quando nunca imaginara poder um dia visitar Portugal sabia d'elle o seu passado, e aprendi os nomes de Vasco da Gama, Cabral, Magalhães, Infante D. Henrique — que nós conhecemos por *marinheiro* — D. Manoel, Gil Vicente, Camões; e depois João de Deus e Garrett, nomes que os meus compatriotas conhecem, bem que estejam longe da patria d'estes homens ilustres.»

R. F. Knapic»

Orgulho grande é este que me envaidece, pela honra de transcrever para a minha secção estas palavras que não são para mim, e que só podem pertencer a esta patria que amo, a este Portugal estremecido.

Estrangeiros amigos de Portugal, deste povo livre, de quem o Duque de Saldanha dizia «o povo que sabe ser justo para com os povos estranhos, tem na sua propria organisação a mais segura defeza e a mais justa razão da sua independencia.»

Vinicio

Os miseraveis bandidos que fóram apanhados com bombas são todos uns pelintras, verdadeiramente pindericos. E, todavia, teem dinheiro para comprar armas e passear de automovel. D'onde vem esse dinheiro? Naturalmente dos interessados na perturbação social e no descredito do regimen. E quem serão esses interessados? Decerto que não são nem o governo, nem os amigos da Republica nem, em geral, todos os bons portuguezes que desejam socego e boa administração. Por exclusão de partes, chega-se a concluir que os manejadores d'estes ultimos movimentos são certos talassas e, provavelmente, certos republicanos despeitados e invejosos.

Nós, que não temos politica partidaria alguma, pois temos por norma censurar quem andar mal e louvar quem proceder com acerto, seja elle branco, azul, vermelho ou côr de burro quando foje, não podemos deixar de estar ao lado do governo que, perante taes crimes, representa alguma coisa mais importante do que o regime: — é a ordem social e a segurança individual dos cidadãos. E, por isso, esperamos que o mesmo governo, interpretando o sentir de todas as pessoas honradas, extermine. de vez, toda a malandragem ignobil que não respeita vidas nem garantias de especie alguma, que, pretende emfim, para justificar o dinheiro que recebe, como preço das suas infamias, lançar a dôr e a anarquia n'esta boa terra de Portugal.

—O Brito Camacho anda contentissimo com a campanha de difamação que os talassas e os almeidistas estão fazendo contra o Affonso Costa, pois calculando que este estadista vá á *serra*, sem ser a da Estrella, por ver tanta miseria moral no paiz, pelo qual está sacrificando a sua saude e os seus interesses, espera suceder-lhe nas cadeiras do poder.

Ha quem diga que já tem até a lista de ministros organisada para a primeira *chamadela* ao Paço.

Aquelle *superavit*, se desespera muitos despeitados, tambem aguça o apetite de certos gulosos...

E em nenhum partido abundam os tubarões como na *Dança da Lucta*...; ou não fosse o Brito Camacho o prototipo dos *antropophagos*...

Bacteriologista.

O frete... da restauração

Os senhôres monarchicos voltam a reunir-se na Gallisa, como abelhas em volta do cortiço.

Com tal sympathia por essa terra, sáem de lá gallegos, com toda a certesa...

Horror!...

Onde está o bom senso, Humanidade
Que no teu peito albergas só rancôr?
P'ra que espalhas, na Terra, um tal terror,
Mostrando que só tens ferocidade?

P'ra que destroes assim a sociedade
Que podia viver em Paz e Amôr,
E pelos teus processos sente horror,
Ao ver a tua ruim Fraternidade?

Calae-vos, socegae, e, com carinho,
Mostrae, ao mundo inteiro, o bom caminho
Que devem ter honrados cidadãos.

Nada de sangue, guerra ou negra Morte,
Trabalhae pela Paz que nos conforte,
Amae vos uns aos outros como irmãos!

Vila Alegre.

O SEMICUPIO

COMEDIA EM 1.º ACTO

FIGURAS

O conselheiro Cunha
O poeta Armelio
Rita das Tormentas
Amalia, criada
Eduardo Banana jornalista
«o Mata Borrão» idem
«O Escovinha» idem
«O Aranhiço» chefe da tipografia

Lisboa. — Actualidade

—

Redacção do jornal «O Caranguejo» ao bairro alto. — Porta ao fundo, dando para um corredor escuro. — Porta á D. A., pintada de azul e branco, trancada, não praticavel. — A' esquerda alta, pequena janella. — Mobilia tosca, estilo, «Casa de pregos». — Mata-Borrão e Escovinha escrevem,

SCENA I

Escovinha Mata Borrão Banana

Escovinha *(ao Mata Borrão pedinchando)* — Dá cá um cigarrinho, ó coisa.

Mata Borrão *(dando-lhe um maço de «paivantes»)* — Este Zola é arrevezado como burro. Ter que traduzir o folhetim inteiro. . E' esmagador!

Banana *(entrando)* — Vivam rapazes! Santas noites.

Mata Borrão — Boa noite... Ora oiçam. *(lendo a traducção do folhetim)* — «Paulina pegou no sorvête que estava sobre a meza levou-o aos labios e limpou a bôca..

Banana *(rindo)* — Limpou a bôca ao servete? Mas isso não faz sentido, homem!

Mata Borrão *(roendo as unhas)* — Então *serviette* não é sorvête?

Banana — O' alma do diabo, pois tu não sabes que *serviette* é guardanapo?. . Raios te partam, grande cavalgadura.

Mata Borrão — E' verdade, ó menino, é verdade! O Roquette não tem folhas, o maldito!

Banana *(ao Escovinha)* — E a respeito do fundo?

Escovinha — Está pronto! E' m e dontho Desta vez é que o governo vae a terra.

Banana Chama-lhe um bando de covardes, de pulhas, de piolhosos, de bandidos, de safardanas, de *biologicos*!

Escovinha — 'Stá claro.

Banana — Ora escreve lá, anda: *(Escovinha executa)* — O govêrno do sr. Afonso Costa é o câno gera londe vão convergir as dejecções dos republicanos portuguêses, transformando o num mar... d'aquella coisa de que falou Victor Hugo e a que Cambrone tambem se referiu em Waterloo.

Mata Borrão *(áparte)* — Aquillo é que e erudição!

(Surge ao jundo a figura obesa e rotunda do conselheiro Cunha *acompanhado pelo poeta* Armelin, *todo de negro, grande cabeleira, monoculo, chapeu mole, timido, pitosco e gago).*

SCENA II

Os mesmos, o Conselheiro o poeta Armelio.

Conselheiro — Dás licença, ó Eduardo

Banana *(indo á porta)* — O' conselheiro!. . Que honra me dá!... Seja muito bem vindo. *(offerecendo-lhes as cadeiras onde estavam sentados os redactores, que ficam de pé, visto na redacção não haver sendo o indispensavel).* Não faça ceremonia por quem é. . Queira sentar-se ..

Mata Borrão *(baixo, ao Escovinha)* — Lá de pé é que eu não escrevo. Vou-me até casa da «Chica Franceza»... traduzir o resto. . Adeus, ó coisinha...

Escovinha — Eu tambem me ponho na aragem não tarda muito...

Conselheiro *(a Banana)* — Vê lá se te roubo o tempo, hein?

Banana — Mas, de modo nenhum ..

Conselheiro — Vamos ao que importa. Direito ao fim, como é a minha divisa. Trago hoje á tua presença *(com dignidade apontando Armelio)*, o grande poeta Armelio Rimas, de quem te tenho falado ..

Banana *(estendendo-lhe a mão)* — Muito gosto em o conhecer... muito gosto.

Conselheiro e **Armelio** *(apresentando-lhe Banana)* — Apresento-te o meu grande amigo Eduardo Banana, ilustre director do *Caranguêjo*, jornal que defende a causa monarchica ex-partidario do ex-partido regenerador-liberal, amigo do Xuão Franco, cultor das letras patrias e meu protegido. *(Banana e Armelio apertam as mãos efusivamente)*

Banana — E' com muita honra que lhe aperto a mão

Armelio *(enlevado recitando a gaguejar)* — A minha m... mão é alva c... como o lirio? Ser p. . poeta, meu Deus é um m. . martirio;

Escovinh *(áparte)* — E' maluco...

Banana — V. Ex.ª tem escrito muito?

Armelio — Nem m... muito, nem m... pouco.

Escovinha *(imitando, á parte)* — A... antes pelo con... contrario...

(La suite au prochain numér).

Manuel Chagas.

De 6 a 11 de outubro proximo, realiza se em terra de gaiteiros —Londres— uma esposição internacional das industrias de couros e correlativas.

Nós já, com bastante antecipação, mandámos para esses lados o melhor que cá havia no genero, dispensando a remessa de retorno, não é verdade, ó talassaria?

●

Os navios roumaicos receberam ordem de se afundarem de preferencia a cahir nas mãos do inimigo.

Sabendo todos que a *grande* esquadra bulgara fugiu para Sebastopol, porto russo, a fim de se *não encontrar* com os amigos roumaicos, achamos muita graça ás ordens do rei Carolus.

Ora. . carôlos.

●

Os bulgaros protestam perante as nações contra os turcos, que não respeitam os tratados.

Teem muita graça!

Os bulgaros estão com a turca!

●

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a caricatura dos *Ridiculos* do dia 19 do corrente, principiando da direita para a esquerda, onde quizeram figurar uma *rôsca*, e desenharam uma *lesma*, ou seja a véra ephigie do que ja foi Caracol — espontaneamente regressado ao estado primitivo.

Ao que havia de chegar o — Moreira de outros tempos!

●

As grandes potencias roêram a corda á Turquia e querem agora que ella lhes garanta a fé dos tratados, quando sabem que a razão está do lado dos mussulmanos.

Não querem mais nada?

●

O Lesma admira-se de agora apparecerem saldos nos orçamentos das colonias.

Não sabemos d'onde vem o espanto; á maneira que os monarchicos vão desapparecendo das repartições, vae aparecendo o dinheiro nos cofres!

Certo e logico.

●

O Lesma diz que não se entende com a nova moeda!

E' facil. Vá á feira d'Agosto e mande vir um copo de leite; se lhe disserem que são 4 centavos diga, *in-continenti*, que o leite não presta, e que o dono da barraca é burro e carbonario; se lhe disserem que *não ha troco*, diga que não ha em Lisboa leite mais puro e mais fresco.

●

O Lesma, que é o jornalista unico em todo o orbe, chama abono para rancho a uma verba que o ministerio da guerra applica a auxilio para melhoramento de rancho, e pretende fazer espirito, com uma coisa que, como muitas outras, nada entende.

●

A *ridicularia* doeu-se d'*A Lucta* falar nas tramoias da Azambuja e do Péral.

Ai, Lesma, Lesma, quem te viu e quem te vê!

Que pena não saberes com antecedencia da tal festada, onde vêem as bandeiras azues e brancas, com as armas de *veragua*.

Estavas lá, pela certa!

●

A Capital teve uma entrevista com um irmão do senhor dos passos da graça; mas sabendo-se que a VIRGEM da Nazareth tivéra mais de dois filhos, bom seria saber qual d'elles foi o que queria a lei de separação á Brazileira.

E não quer o cavallo do Froes?

Abelha Mestra.

Arthur dos Santos (D. Chicote)

Deixou de fazer parte da redacção d'*A Lanterna*, onde occupava o logar de secretario, este nosso amigo e antigo collaborador. Em breve os leitores d'*O Zé* podem contar com a sua agradavel prosa e com os seus versos humoristicos.

Que agradavel!...

Ora até que emfim lemos nos jornaes uma noticia agradavel:

«Se a estiagem continuar, Lisboa, no «mêz de agosto não terá agua para be-«bêr.»

E' caso para darmos vivas ao monopolio e organisarmos um batuque de homenagem!

Informações

Suspeita. — A policia anda á procura dum individuo de nome Alcool que se supõe ter passado aos direitos. O individuo em questão uza fato branco, liquido e costuma andar engarrafado.

Projecto de lei. — Vão ser abolidos os nomes de todas as doenças existentes e que ainda venham a existir. Só haverá dois generos: morte natural e assassinio. Assim os jornaes dirão quando a morte fôr natural; Morreu hontem de morte morrida o sr. F., etc. Sendo por assassinio: Falleceu hontem de morte matada o sr. F., etc.

Parece que o recente projecto beneficiará muito o orçamento.

Subscripção. — Foi ha dias mordida por um cavalo uma besta de nome Paulina Egua. Em virtude da carne de D. Paulina ser muito dura, o cavallo fracturou os dentes, motivo porque os seus collegas abriram uma subscripção no louvavel intuito de lhe adquirirem uma dentadura postiça.

Assassinato. — Uma mègera de nome Chica Ximenes assassinou hontem, decepando-lhe a cabeça com uma faca, uma gallinha recem-cazada. A feroz mulher com uma coragem revoltante, depois de lhe tirar as tripas, cozeu-a, comendo-a em seguida sem a menor repugnancia.

O marido da assassinada apresentou queixa á policia.

O Pevide sem Felix.

Venha d'ahi!

Nas proximas eleições, alguns antigos monarchicos tencionam apresentar as suas candidaturas.

Pst! O' sr. João Franco! Que diabo! Veja se se resolve!... Olhe que você ainda dava um bello senadôr!...

Annuncio como tantos

Um careca lá de fora
Leu num annuncio taludo,
Que em pouco mais d'uma hora
A calvice ia-se embora
Ficando um typo peludo!

Correu logo pr'a cidade
A ver se o grande especifico,
Grande, immensa novidade,
O punha á sua vontade
Penteadinho e magnifico!

Subiu do *doutor* a escada
Com dinheiro n'algibeira
E desceu-a na prumada!
. . . .
A receita tão fallada
Só era uma cabeleira!

Oscar.

E' talvez mais certo...

Os revolucionarios tinham impressas nos bilhetes de identidade duas lettras: R. R. Disiam elles que significavam Republica Radical!

Não acreditamos! Aquillo queria disêr Rodrigo Rodrigues...

Installação propria

O sr. ministro da instrucção publica ainda não tem casa para installar o seu ministerio.

Se não se querem incommodar muito, ali no Arco Bandeira ha quartos a 2$000 réis. E com porta para a escada, o que é uma bellesa para corrêr com os pretendentes...

No principio do mundo

Fiat lux — deus disse e veio o sol,
Disem elles, num vivido arrebol
E os bichanos fasendo algum sussurro
Botaram fala e até zurrou um burro
Mas o deus, um bocado distrahido
Depois de feito Adão forjou a Eva
A pedido
Não se lembrou da noute e veio a treva!
Não havia nem gaz nem *petroline*
Imagine..
O leitor como o nosso pae Adão
Se viu assim com tanta escuridão!!!
Resolveu ir dormir e de manhã
— Sem tocar na maçã —
Ir gosar o frescor da madrugada,
Mas a damnada,
Deu-lhe ideias terriveis, infernaes
Apetites d'aquelles matinaes
Atirou-se á maçã e *foi um ar*
Que lhe deu!
Consolou-se em a trincar
E só ficou damnado o pobre moço
Quando se engasgou com o caroço!
O padre-eterno, o santo deus barbudo
Berrou então:
— Hade trabalhar tudo
D'ora avante só come quem trabalha
E quem não trabalhar que coma palha!
. . . .
Eis a razão, chorando aqui o digo
Porque nós trabalhamos de castigo.

Orlando

A escória

Insinua-se que o infame crime de certos *malandrões* talvez fosse provocado por uma operação de Bolsa.

Os canalhas são capazes de tudo mas essa é que foi uma bolsa dos covões, que já abriu a cova a tres victimas.

Bandidos!

O ZÉ no theatro

Republica — E' desnecessario repetir uma coisa que já todos sabem. A revista *De capote e lenço* promette chegar á 400ª representação, tal é a serie de enchentes que a bilheteira regista. E com razão. Joaquim Costa, Henrique Alves, Leitão e Ignacio fazem rir o publico a bandeiras despregadas Ausenda e Medina alegram a peça com as suas magnificas voses. D'onde se conclue que o trabalho de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes deve progredir no *Republica*.

Appollo — O vaudeville *Sempre casto* é uma peça onde Angela Pinto tem ocasião de mostrar os seus meritos. De maneira que não é de admirar que o Theatro da Rua da Palma esteja cheio todas as noites.

Avenida — Sobe hoje á scena a revista *O 31*, original de Luis Galhardo, Alberto Barbosa e Pereira Coelho. Disem della maravilhas principalmente d'um quadro *O comboio das onze*. Os *compéres* são feitos por Nascimento Fernandes e João Silva, o que é uma garantia de sucesso. O scenario e o guarda-roupa são luxuosos e foram confiados a Eduardo Reis, Luiz Salvador e Castello Branco. Em summa, é peça que promette levar uma carreira auspiciosa, com enchentes em todas as sessões.

Trindade — Tudo se prepara para que a revista *Fogo de Vistas*, de Alvaro Cabral e Nascimento Correia, tenha um sucesso fora do vulgar. Taveira não se poupa a despesas.

CINES

LORETO: Fitas faladas dramaticas e comicas.
TRINDADE: As fitas de maior successo. Programmas escolhidos.
OLIMPIA: Concertos e animatographo. Preparam-se novidades.
CHIADO TERRASSE: Animatographo muito querido do publico.
CENTRAL: Toca lá o Passos, e mais não dizemos. Isto basta.

Justifica-se...

Em vista de não havêr espaço para os mettêr, o governo civil ordenou que se suspendessem as prisões de mendigos e toleradas.

D'esta *revolução* é que nós temos o nosso receio...

THEATRO SALÃO DOS ANJOS

Estreou-se ha dias os notaveis duetistas comicos hespanhoes *Lés Gobernils* que tem chamado farta concorrencia a esta casa de espectaculos. Continua obtendo merecidos aplausos a formosa bailarina hespanhola *La Sevilhanita*, todas as noites estreias de lindas fitas d'arte.

A' caça das mariposas...

—Então, sr. Brito! Não se quer divertir a apanhar borboletas?
—Não, amigo Affonso! As borboletas d'estes sitios são, geralmente thalassas...